

# BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento sa-  
manal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 me-  
ses 28550; África Portuguesa, 6 meses  
70500; Estrangeiro, 6 meses 110500.

## Em torno do ca- dáver duma lei

Subiram ontem ao ar alguns foguetes, estoiraram, com estridor alguns foguetes, numa ou noutra agremiação vosearam-se uns discursosinhos. De que se tratava? Os foguetes, os morteiros e os discursos comemoravam a lei da Separação da Igreja do Estado, promulgada quando ainda se não tinham extinto os ecos dos comícios da propaganda republicana e os padres, supondo inabituável a república, emigravam em massa para a Galiza a alistarem-se nas hostes caricatamente guerreiras do romântico e lunático galadino Paiva Couceiro.

Se os que ontem comemoraram a lei da Separação tivessem, pelo menos, a consciência nítida de que vale essa lei, concordariam de boa vontade que não haveria motivo para regosijos e mais para os foguetes e os morteiros que os exprimem. O que é hoje a lei da Separação? Um pedaço de papel inofensivo a quem os padres, depois dum prévio espessinhamento, atiraram, desdenhosamente, para o cesto dos papéis dessas water-closets da fé católica que são as igrejas. A lei da Separação suprime a representação de Portugal no Vaticano e hoje essa representação está restabelecida. O Estado, segundo esse papel rasgado, está separado da Igreja, mas um chefe de Estado, o renegado António José de Almeida, colaborou na imposição do barrete cardinalício ao Locatelli e andou em Braga debaixo do pálio, numa grande parada do clericalismo. A lei da Separação proíbe a realização das procissões, mas estas estão-se realizando livremente em todo o país, menos nas raras cidades em que o espírito liberal poderia desenvolver uma ofensiva poderosa e perigosa para essa exibição de falsos inocentes que constitui uma afronta à nossa consciência e à nossa inteligência. E dá-se até a circunstância de serem, muitas vezes, as próprias autoridades democráticas quem autoriza essas procissões, sem que o partido se insurja ou sem que os governos democráticos intervenham. Outras vezes como no Seixal, as procissões passam por cima do cadáver daquelas que se tentam opor à sua realização.

A lei da Separação proíbe a existência no país das congregações religiosas, mas estas implantam-se e funcionam livremente em Portugal. Ultimamente, revelámos a existência da congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e demonstrámos que ela recebeu por intermédio de João Luís Ricardo—esse Pacheco de chinó postico—do ministério do Trabalho, um subsídio do Estado. Isto é, o Estado separado da Igreja auxilia com o dinheiro arrancado aos contribuintes instituições religiosas idênticas àquelas da defunta monarquia tinha dissolvido violentamente.

O clericalismo está possuidor duma força que não possuía há cerca de vinte anos! A lei da Separação que, ontem alguns devotos de Afonso Costa comemoraram não passa dum pedaço de papel—que simboliza o triunfo da reacção, perante a cumplicidade do regime e a decadência da actividade dos que tinham por dever combater a maior inimiga da Vida, a adversária do Progresso e da Liberdade—a Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

## Em vésperas do tremendo confito mineiro

Para que sosseguem os espíritos  
o ministro do interior  
banqueteia-se

LONDRES, 20.—Discursando num banquete, o ministro do interior declarou que a crise na indústria mineira tem inquietado o governo mais vivamente que a deflagração da guerra europeia. Efectivamente, a perspectiva de fundas divergências, talvez mesmo de graves perturbações políticas, oferece-se de tal forma que parece não existir aquela unidade nacional que tão proveitosa foi para enfrentar as dificuldades em 1914.—H.

## Um apelo à Internacional de Moscovo

MOSCOVO, 20.—O comité executivo da I. S. V. dirigiu-se à Internacional de Amsterdã em apelo para a organização, em comum, da obra de solidariedade proletária inglesa sublinhando que a deflagração do conflito ameaçará seriamente toda a indústria mineira da Inglaterra.—H.

## O caso das notas Os holandeses não se deixam enganar, como os portugueses, pelos cantos das sereias lusitanas...

Uma das maiores preocupações do conselho Alves Ferreira e dos homens do Banco de Portugal tem sido enganar os holandeses, como têm enganado os portugueses. Se bem que não tenham conseguido em Portugal estabelecer um ambiente de mentira tão impenetrável que a *Batalha* não tenha visto, sem auxílio de lentes, a verdade que se pretende ocultar escandalosamente, o certo é que os holandeses cuja imprensa não está vendida aos interesses inconfessáveis da alta banca portuguesa vêm melhor e não se deixam enganar pelos cantos das sereias lusitanas.

Vagas insinuações e promessas de condecorações a indivíduos que estão altamente colocados na polícia holandesa não conseguiram levá-la a deturpar a verdade dos factos com aquela facilidade com que se deturpa tudo no nosso país.

Para que as cousas assumissem o aspecto que o António Maria e o Banco de Portugal desejavam Marang fosse pronunciado pelos tribunais holandeses. Se tal acontecesse poderia ter êxito mais seguro a cabala da «traição à Pátria» e «atentado contra a segurança do Estado». Para isso bastaria provar-se ou fingir-se que se provava que Marang, longe de ser uma criatura de confiança acreditada junto da casa Waterlow por officios do Banco de Portugal assinados por Innocência Camacho, era um simples falsificador. Mas como as autoridades portuguesas não puderam ainda, a-pesar-de o terem cantado aos quatro ventos, provar que não tivesse havido troca de correspondência entre o Banco de Portugal e a casa Waterlow, esbafam-se todos em arranjar complicações e intrigas nas quais os holandeses, frios e serenos, não se deixam enganar.

Até Fernando Emídio da Silva um dos maiores comilões directores do Banco de Portugal, foi expressamente a Haia ver se insinuava no espírito dos magistrados holandeses teóricas versões acerca de Marang e de Alves Reis. Segundo nos informaram chegou a dizer que este último havia sido condenado em Portugal devido a um processo que lhe movera a Companhia dos Caminhos de Ferro de Ambaca, quando na verdade não só está desistido do processo como o reintegrara na companhia, o que ele não aceitou.

Agora, que se encontra em Lisboa o Procurador da Coroa Holandesa, todos se apenham em convencê-lo de que o processo está muito bem organizado e documentado. Escusado será dizer-se que o magistrado holandês, por excessiva delicadeza, tem-se limitado a sorrir da esperteza dos magistrados portugueses e principalmente da argúcia e alta competência do sr. Alves Ferreira. Factos desta natureza honram Portugal lá fora.

Mas o que interessa ao enviado holandês não é a confusão caótica do processo que o sr. Alves Ferreira tão habilmente tem andado a organizar. O que lhe interessa, e por isso veio a Portugal, era encontrar matéria jurídica com que pudesse pronunciar Marang. No processo não a encontrou. E da boca dos presos de maior responsabilidade apenas soube que Marang esteve de boa fé e confiante nas assinaturas da gente do governo e do Banco de Portugal que assinava os contratos.

Marang deve ser em breve posto em liberdade. Não há provas contra ele. A justiça holandesa, mais correcta do que a portuguesa, sem elementos sequer para a pronunciar, libertará Karel Marang.

Quem está cada vez mais comprometida é a gentinha do Banco de Portugal. Por mais que pretendam colocá-la num pedestal de pureza e de inocência, os factos mais poderosos do que os homens comprazem-se em brincar com a esperteza dos juizes e com as combinações dos governos.

O Banco de Portugal é um gato escondido com a cauda de fora. A casa Waterlow & Sons, chamada a depor em Haia no processo de Karel Marang, condecorado com a ordem de Cristo como o sr. Melo Barreto muito bem sabe, declarou com a máxima franqueza e naturalidade estar tão convencida de que as encomendas das notas partia do Banco de Portugal que escreveu ao sr. Mota Gomes agradecendo a escolha da referida casa para a sua execução.

A medida que o tempo fôr decorrendo mais nítida se tornará a culpabilidade do Banco de Portugal que as investigações querem a todo o transe proteger.

Não perdem com a demora.

## Notas & Comentários Mussolini em camisa

### Um chefe desbocado

Informam-nos de Coimbra:—No último domingo realizou-se ali no Teatro Avenida, um comício de propaganda, onde o sr. Cunha Leal, perante um público de vários credos políticos e religiosos e a propósito do seu programa, fez uma larga defesa das prerogativas da igreja católica, atacando ao mesmo tempo os livre-pensadores, a quem chamou desmiolados.

Fazemos votos para que o novo Messias encontre sempre, na sua carreira política, um público assim, tolerante, macio, confor-mado...

Que boa gente, essa de Coimbra!

### Um gesto digno

Inúmeras vezes temos pôsto em destaque os gestos da polícia, sempre que eles sejam humanos e simpáticos. Muita gente julga que atacamos o mal pelo simples prazer do combate. Não, a maldade humana nunca trouxe alegria ao nosso coração. Motivos de contentamento só os encontramos na bondade de alma e nas acções dignificantes. Por isso com mais alegria registamos hoje o gesto do guarda cívico n.º 1993 da esquadra dos Terramotos, que foi humanitário, do que temos arquivado os actos de selvajaria praticados por tantos companheiros seus. Na rua Silva Carvalho foi encontrado um pobre faminto caído no solo. Socorreu-o o aludido guarda 1993 que, quando da ruína sorte do infeliz, angustiar por suas próprias mãos entre o povo que assistia à triste scena alguns donativos para mitigar-lhe a fome. Causos destes são raros na polícia. E por serem raros os destacamos para que sirvam de exemplo e frutifiquem.

### Têm razão

A Associação dos Empregados Portugueses entregou aos ministros da Instrução e do Comércio uma representação reclamando contra um recente decreto verdadeiramente escandaloso. A pretensão de se exercer a fiscalização das indústrias eléctricas pretende o governo obter das casas de espectáculos inúmeras entradas gratuitas que, afinal, servem apenas para garantir a esses pseudo-fiscais a assistência gratuita aos espectadores. Contra isto insurgem-se os empregados. Têm razão.

### A falta de policiamento

Há quem se queixe de que Lisboa está cada vez pior no respeitante a policiamento. Percorram-se ruas e ruas sem se encontrar um único polícia. São em regra timoradas as pessoas que fazem estas reclamações, não se lembrando que ainda há bem pouco tempo foram expulsos da polícia alguns guardas que a paisana e de pistola em punho assaltavam pela calçada da noite o transeunte desprevenido. Mas a falta de policiamento tem uma justificação. É que a polícia agora é toda pouca para guardar a casa do sr. Ferreira do Amaral e imediações.

### Coitado

Um sr. Dário Nóvoa, actual presidente da direcção da Associação dos Caixeiros de Lisboa, é uma criatura de mentalidade estreita que não percebe nada de nada e julga perceber tudo de tudo. Por uma daquelas razões que não se explicam porque estão fora do domínio da inteligência, conseguiu trepar a um lugar de responsabilidade na referida associação para ter o prazer de ler o seu nome no Século a sancionar uma entrevista agressiva para a C. G. T., que ele, coitado, pobre de cultura,

Poucos homens, daqueles que exalçam o delirium tremens do despota, poderiam focar a sinistra personalidade de Mussolini com a flagrança que Armando Borghi, o militante revolucionário que o proletariado internacional conhece e aprecia, oferece no seu notável folheto *Mussolini em camisa*. A secção editorial de *A Batalha* encarregou-se da edição portuguesa do folheto de Armando Borghi, andando já em curso a respectiva tradução.

Mussolini em camisa deixa a nu a origem do ditador, o seu carácter, as suas convicções, como abraçou e renegou o socialismo. Como um libelo terrível, o folheto de Armando Borghi acusa a política guerrista adoptada por Mussolini durante a última conflagração e põe categoricamente em dúvida que o terrorista, o indesejável de outrora, haja salvo a nação italiana das suas perigosas crises.

Armando Borghi tem-se distinguido numa ardorosa campanha contra a horda inumana do fascismo, tendo já publicado nas nossas colunas uma longa série de artigos que têm sido justamente apreciados.

A brochura, portanto, que contará cerca de 100 páginas, com magníficas e expressivas ilustrações, vai inevitavelmente causar a maior sensação, não só nos meios operários, como entre os homens que têm dado o seu esforço no combate encarniçado à mais odiosa ditadura do século XX.

### Grande incêndio numa fábrica

LONDRES, 20.—Na mais importante fábrica alemã de gelatina, em Cable, declarou-se um violento incêndio que a destruiu por completo. Setecentos e setenta quilos de gelatina foram pasto das chamas e os prejuizos são avaliados em 1.500.000 marcos.—(L.)

### As ambições coloniais da Itália

ROMA, 20.—Os jornais seguem com interesse os comentários da imprensa francesa, relativos à possibilidade duma colaboração com a Itália nos domínios coloniais, constatando que os respectivos círculos consideram esta colaboração como necessária.—(L.)

### Um congresso dos telegrafos-postais franceses

MARSELHA, 20.—Reüniu-se nesta cidade um congresso regional de empregados telegrafo-postais, do qual participaram o sindicato geral, o dos operários e o dos agentes telegrafo-postais de sete distritos. Entre os assuntos debatidos contou-se a transformação da Federação em sindicato único.—H.

nunca seria capaz senão de balbuciar, que andava cruzando na baía, descobriu ao largo o hiate inglês «Tess», que pedia socorro. O barco foi em seu socorro e conseguiu rebocá-lo. O «Tess» vinha de Cannes e trazia 3 pessoas a bordo.—(H.)

## ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

### O que se passa na China

Confusas e incompletas são, em geral, as notícias que o telegrafo nos transmite acerca dos acontecimentos desenvolvidos na longa China, e como as informações de fonte segura para nós só com grande atraso aqui nos podem chegar, torna-se quasi impossível seguir com exactidão o que se vai passando naquele remoto país.

No entanto, na impossibilidade de fazer melhor, nós vamos-nos referir a alguns dos aspectos mais interessantes, que ali tem revestido nos últimos tempos a luta contra o imperialismo estrangeiro.

### Cantão bloqueado

Cantão, populosa cidade do sul da China, tem sido o centro do movimento dos elementos avançados do povo chinês contra a política de rapina dos imperialistas de todos os países.

Os capitalistas ingleses têm tentado por diversas formas—comprando generais chineses, etc.—aniquilar este foco de agitação revolucionária, mas até à data não o têm conseguido.

As organizações operárias de Cantão, em vista dos ataques traiçoeiros dos ingleses, resolveram boicotar todos os comerciantes ingleses residentes em Hong-Kong (possessão inglesa no sul da China), e como as baionetas dos mercenários generais chineses a seu soldo não conseguiram quebrar a tenacidade e o entusiasmo dos operários de Cantão, os imperialistas ingleses decidiram inaugurar uma ofensiva directa contra esta cidade, declarando o seu bloqueio a partir de 22 de Fevereiro último.

Este bloqueio marca, pois, um começo de guerra à China, sem declaração, e denota também o desejo do governo conservador inglês sustentar eficazmente os generais contra-revolucionários Ou-Pei-Fou e Tchan-So-Lin, que lutam no norte da China contra os exércitos nacionais.

### Um protesto contra as potências estrangeiras

Em 18 de Março último, em sinal de protesto contra o ultimatum das potências e sua intervenção nos negócios da China, organizou-se em Pequim, cidade no norte da China, uma manifestação, que se dirigiu à residência de Tuan-Tsi-Jid, o presidente provisório da República chinesa, para lhe entregar o seguinte documento:

«O governo deve lançar em todo o país um telegrama-circular de protesto contra o ultimatum das potências signatárias do protocolo dos Boxers.

«O governo deve publicar um apelo aos trabalhadores do mundo inteiro para os convidar a protestar contra a intervenção dos imperialistas na China.

«Os representantes dos Estados signatários do ultimatum devam sair da China.

«O governo deve repelir o ultimatum e anular o protocolo dos Boxers.

«Os navios de guerra dos Estados estrangeiros devem afastar-se das águas chinesas.

«Os Estados inatários do protocolo dos Boxers devem apresentar desculpas do incidente de Takou.

«O governo deve dirigir uma mensagem de felicitações ao exército nacional pela sua luta contra os imperialismos.

Quando, porém, os manifestantes se aproximavam do palácio de Tuan-Tsi-Jui, a guarda fez fogo sobre eles, matando 50 pessoas, entre as quais três mulheres, e ferindo umas 100.

Após esta carnificina realizaram-se numerosos e imponentes comícios, nos quais foram votadas moções exigindo a demissão de Tuan-Tsi-Jui.

O estado-maior do exército nacional de Pequim publicou uma declaração afirmando que nenhum soldado do exército nacional estava presente na ocasião do incidente, não tendo, portanto, nêle tomado parte.

A União dos Estudantes Chineses dirigiu também um apelo a todas as organizações congêneres para que fizessem agitação entre o povo, a fim de se escorraçar do poder Tuan-Tsi-Jui.

Em face desta campanha este político abandonou o seu lugar, refugiando-se na legação japonesa.

### Não se atenuou o terror reac- cionário na Bulgária

Segundo notícias vindas da Bulgária, nos últimos processos políticos contra os *leaders* do movimento comunista foram decretadas 40 condenações à morte.

Num processo julgado em Sofia foram condenadas à força as seguintes pessoas: o antigo ministro Alexandre Obow, Nedjelko Atanasow, Cristo Stojanow, Pedro Janew, Cirilo Pawlow, o antigo cônsul em Belgrado Kosta Todorow, Gavril Genew, Jorge Dimitrow e Wassil Kolarow.

A acusação baseava-se na formação de organizações ilegais e de bandos armados, assim como de premeditação de assassinios. Outros 32 acusados que se encontravam no estrangeiro foram também condenados à morte.

Esta é a obra de Lapscheff, o digníssimo sucessor do ministro Zankof que inaugurou na Bulgária o regime de terror fascista.

### Explosão de cartuchos

PADUA, 20.—Numa pequena casa do país de Castelbardo explodiram accidentalmente alguns cartuchos e explosivos, que se destinavam à pesca, tendo a casa sido destruída em parte e ficando mortas 5 pessoas e 5 feridas gravemente.—(H.)

### Barco em perigo que se salva

MARSELHA, 20.—Um barco piloto, que andava cruzando na baía, descobriu ao largo o hiate inglês «Tess», que pedia socorro. O barco foi em seu socorro e conseguiu rebocá-lo. O «Tess» vinha de Cannes e trazia 3 pessoas a bordo.—(H.)

## Os burloes das «Séries Recuperáveis» continuam ludibriando o público, à sombra da protecção que as autoridades lhes dispensam

A polícia, em palavras, é dum rigor extremo para com os burloes das «Séries Recuperáveis». Fala em encerrar-lhes as casas, aponta-lhes, em atitudes decisivas, os calabouços do Governo Civil, cita, falando de-les, o «Manual do Perfeito Escroco», mas as cavernas dos vigaristas continuam funcionando livremente. Em teoria os vigaristas estão feitos em postas, mas na realidade quem está em maus lençóis são as suas vítimas—essas pobres vítimas que imaginam—até onde vai o delírio das grandes!—que bastava arrancar cinco escudos às suas dificuldades monetárias para receberem, num beijo prodígio e filantrópico de sorte, quantias elevadas, entre 10 a 100 contos.

Contudo, isto é: a-pesar-da benevolência da polícia e da silenciosa cumplicidade de António Maria da Silva, a burla das senhas foi chão que deu uvas. Desacreditou-se e—com orgulho o dizemos—fomos nós quem escangalhámos o roubo de que a população estava sendo vítima. Quando a polícia fechava os olhos—e ela ainda ainda não o fez completamente abertos!—quando os jornais de grande circulação—*O Século* e *Diário de Notícias* principalmente—faziam rios de dinheiro com a publicidade desta autêntica gatunice, *A Batalha* caía a fundo sobre a burla das «Séries Recuperáveis», ao mesmo tempo que negava as suas colunas—a-pesar-de ser um jornal pobre, pobríssimo—aos réclames desses ladrões que usufruíram da benevolência do próprio presidente do ministério. Só depois disso é que a ofensiva começou, mas debilmente, com prudentíssimas e significativas reservas, nos grandes jornais.

*O Século* quando viu a burla mal parada, veio clamar, com o cofre atulhado das notas recebidas dos burloes, que isso das senhas era um roubo mal disfocado. *O Diário de Notícias* chamou-lhe há dias, conforme citámos, um «negócio desenfreado» mas ainda ontem publicava um anúncio duma dessas cavernas onde se arranca a pele ao próximo. Um outro, só quando presumiu que a polícia ia encerrar as cavernas, é que caiu sobre a alcavala das se-

nhas. Ultimamente, é que surgiram vários campeões da imoralidade a atacar os vigaristas, mas se a *Batalha* não tivesse pôsto a nu esta miazela, a esta hora ainda haveria nos escritórios dos burloes uma multidão, compacta e numerosa, de pessoas ingenuas!

Alguem, alguem que por orgulho, ou por estupidês, ainda acredita nas «Séries Recuperáveis» escreveu-nos uma longa carta, na qual defende os burloes, alegando que os primeiros inscritos das senhas ainda chegaram a receber os prémios, visto serem os únicos que reuniram para isso algumas probabilidades.

Aproveitamos o ensejo para replicarmos ao nosso anónimo contendor—o anónimo é a última expressão de coragem moral...—que ninguém abre uma «ratoeira» para ser honesto—a não ser que se considere honestidade apropriar-nos de que os outros ganharam trabalhando—mas sim para roubar ao máximo. Que os primeiros inscritos ou nunca existiram, como naquela casa da praça do Camões em que a inscrição abria em 1135, ou era o vigarista sob os mais engenhosos e caprichosos pseudónimos. Os burloes das «Séries» aproveitavam-se desses vadios singulares que passam todas as horas do dia e da noite abandonando nos cafés, a quem pediam em troca duma quantia relativamente insignificante, a assinatura dum papel em que declaravam ter recebido 10 ou mais contos. Esses atesta-

dos na sua maioria são falsos, falsíssimos. Nas «Séries Recuperáveis» só receberam dinheiro os burloes que falhavam para si a parte de leão e os cúmplices daqueles que eram considerados necessários ao desenvolvimento da burla. Se a algum dos leitores aparecer alguém a dizer-se contemplado pelas senhas, damos-lhe um conselho precioso: abotoe, pelo menos, o casaco. Se o não fizerem, só podem atribuir as culpas à sua incuria. Nós prevenindo-os, cumprimos amplamente o nosso dever como jornal que, como acima dizemos, pobríssimo, mas que não vive das traficâncias que tornaram os jornais de grande circulação prósperos e ricos, sumptuosos e acreditados...

## A questão dos tabacos

A missão das classes operárias, é reclamar a maior soma possível de regalias, para que possam usufruir um pouco mais de bem estar, desse bem estar que a exploração patronal constantemente coarctava ao produtor.

Não se devem as classes deixar iludir, quando o patrão desce a namorar... com palavras ternas de cinismo a classe que porventura tenha em perigo o seu futuro e as suas regalias conquistadas. Não! As deficiências que o produtor encontra na indústria a que entrega o seu esforço e o suor, para em paga receber uma ridícula parcela, só ele as sabe exprimir, porque só ele as sente, porque só ele as sofre. Entregar a defesa dessas regalias a outrem, consentir mesmo que se imiscuam indirectamente aqueles a quem não convém que as classes actuem, afigura-se-me tudo quanto há de mais estravagante neste mundo e de menos prático para as classes que precisam defender a *outrance* direitos conquistados.

O produtor para reclamar e para que a sua voz encontre eco, nos seus camaradas, vítimas também do capitalismo, tem que demonstrar o seu esforço sério, dizendo claramente o que quer e o que sente. E numa causa, em que o futuro perige, se apenas as frígidas águas correrem na maré... em breve trecho, ouviremos roucos gritos de socorro; do socorro angustioso, aflitivo, que por já não ter remédio, fará apenas vibrar o sentimento de piedade.

Presentemente debate-se no parlamento a palpitante questão dos tabacos. Dos jornais burgueses, cada um defende, com calor e persistência, o critério que se lhe afigura mais consentâneo aos interesses da sua grei.

E' uma verdadeira lotaria, em que o capitalismo à porfia se pretende habilitar ao maior prémio. A roda começou, e como o prémio é tentador, a luta, fácil é de calcular, é titânica. Não sei mesmo se prémio consoladores serão distribuídos...

Porque, deixei-me dizer: é um capital bem empregado isto de empatar 10 para se conseguir cem.

As correntes predominantes são a Regie e a liberdade de industria. Qualquer delas tem os seus defensores acérrimos, e ou vemge uma, ou outra, o facto é que se constata que há quem se debata com energia por uma causa; e aos vencidos fica-lhes a grata consolidação de terem lutado até onde as energias o permitiram.

E' por consequência uma luta de interesses políticos e capitalistas, e estes como sempre estão em completo antagonismo com os interesses operários.

Mas... o mais triste, é que no meio de essa luta, são por completo esquecidos os interesses da classe que tem contribuído com a sua saúde, o seu esforço, para as prosperidades da indústria que desperta tanta cubia. Mais uma vez se prova que do nosso fidalgo inimigo, o capital, não há a esperar senão o pior.

O pessoal, esse pessoal dos tabacos, inteligente e activo, cujo padrão da sua actividade está gravado na Voz do Operário, por eles organizada, já manifestou que a fórmula que preferia se o deixassem... era a Regie.

Será para estranhar que o operário cujo

anseio de liberdade é constante, deteste a liberdade de industria.

E' porque, sendo duas palavras com o mesmo nome, é muito inverso o seu sentido. A liberdade de industria, representaria nada mais nada menos, que uma maior liberdade de exploração. A liberdade de industria tem tanto de falsa, como de perjur.

Porque deixei-me dizer: Se a liberdade fôsse o regime preferido, pela razão dos tais interesses da nacionalidade... diz-me: Quem poderia competir com o colosso presentemente organizado? Não nos iludamos. A liberdade de industria iria cair no mais hediondo monopólio de facto. A lei só a ditaria a actual detentora. E os interesses dos operários, as suas regalias, o pão dos seus filhos, seria um fragil farapo nas mãos desse monopólio, que nem os gritos angustiosos dos inocentes comoveriam um segundo sequer.

Essa facilidade de se montarem fábricas, com modernos maquinismos, como quem vai à farmácia comprar elixir para calos, é um argumento que intimamente fará rir os próprios que o apresentam. Porque uma formiga não se compara a uma girafa...

Admitindo mesmo a montagem das tais fantásticas fábricas, quando chegariam elas a um tal desenvolvimento que pudessem comportar em si o número de assalariados que a actual detentora evidentemente irradiaria? Porque o facto é este: Numa liberdade—qual liberdade—numplidoma conferido ao capitalismo para mais facilmente tirar a pele ao produtor, adeus regalias, adeus direitos, porque a palavra «dever» seria a única que havia de prevalecer. Os operários despedidos em massa, salários reduzidos, direitos acabados, seria este o triste quadro das belezas da tal liberdade que se apregoa. Os que ficassem teriam que se esfaltar, para ganhar uma ridicularia que lhes permitisse morrer na via pública inanimados de fraquesa. Os irradiados iriam ganhar o seu sustento e dos seus, as tais fábricas já montadas e em laboração... nos pincores da lua.

E' a esta triste situação que se pretende fazer chegar uma classe de quatro mil assalariados, que representam bem vinte mil criaturas, porque todos eles têm numerosa família a seu cargo.

Preferem os assalariados dos tabacos a Regie. E' porque? Porque dentro da liberdade continuaria a usufruir os seus direitos. Porque nela poderiam manter a sua estabilidade, assegurando o seu futuro.

Porque no fim, quem é que não reconhece, com justiça, esse dever que temos de salvaguardar o futuro, que nos permita ir amparando na vida nossos filhos, futuros explorados de facto de amanhã?

As anomalias e os receios, aliás fundados, por a tal liberdade de industria, serão salvaguardados na Regie, com a estabilidade de todo o pessoal existente, do que foi despedido por delito de greves e de todos que da industria venham a fazer parte.

Só essa fórmula poderá fazer sorrir o rosto enrugado das velhinhas do tabaco, e levar à alma já envelhecida dos novos um pouco de esperança. Porque na industria dos tabacos existem as velhinhas, essas velhinhas de cabelos brancos, que já queimaram o melhor da sua vida com o seu esforço para a grandeza cubiçada da industria. As novas—as novas!—que já apanharam uma



quadra de maior degenerescência da raça que se acentua de geração em geração, quanto os seus cabelos não se tivessem feito brancos, têm contudo acentuados no rosto os traços de sofrimento, na alma impera-lhes a tristeza. Porque as novas são filhas, são as netas dessas velhinhas que enquanto crianças, não receberam o alimento, o conforto a que tinham direito; porque os pais mal ganhavam para lhes dar pão frito em água. E daí já vítimas indolentes da exploração, foram mais tarde vítimas de facto, para que o seu sofrimento fosse maior.

Ora, meus amigos: Se um pessoal que, durante trinta, quarenta e cinquenta anos, deu o seu esforço a uma indústria não merece um pouco de atenção e respeito, se não se garante a sua estabilidade, de onde justamente provém os parcos meios da sua subsistência—então que querem?

Sim! Então que querem?... Que se diga que os sentimentos humanos, baixaram ao ponto de se sentir prazer em ver na luta com a fome, a desgraçada besta de carga, a qual lhe é negado o direito de trabalho. A sensibilidade humana capricha no goso de ver na luta com a fome, essa legião de operários e operárias que trabalham inteligentemente dentro duma indústria, para que ela cada vez mais prospere, contribua para a chamada riqueza nacional, e que no fim a quem mais aproveita é justamente aqueles que escarninhamente só pensam em se desfazerem, o melhor que podem, dos que toda a sua vida lutaram para usufruir as poucas regalias que hoje auferem.

Velhinhas dos tabacos!! Fazei um apelo às vossas debilitadas forças, despertai as vossas filhas, vossos filhos, toda a vossa família labacreira, para que vos deem aquilo a que tendes direito: a vossa estabilidade, o vosso futuro.

Se os vossos traços de beleza de há muito foram levados pelo martírio do trabalho, se a vossa frente enlameada e cadavérica não consegue despertar a atenção e consideração que a todos vós vós é devida, então recorrei a todas as vossas forças para dizerdes que antes a vós tabaqueiros, do que a um outro lacrimoso e contido do vosso infortúnio à espera que a morte vos venha buscar, como consequência de vos terem de todo cercado os meios onde buscai a miséria do vosso salário. Persistência tabaqueiros! Energia! A classe operária tem em vós fôcos seus olhos.

Catapultas de linhaça, ponham-nas de parte, e unidos como um só homem mostrei a confirmação do vosso glorioso passado: que ainda sabeis inteligentemente defender as vossas legítimas aspirações.

Amantino do NASCIMENTO

## A discussão da paz rittenha

As «démarches» do caid Haddou

OUJJA, 20.—O caid Haddou, que ontem partiu para o Rif em avião, voltou esta manhã.

O caid Haddou, deu conta da sua missão junto de Abd-el-Krim, mas como Azerkane, um dos delegados rittenhos, desejasse maiores esclarecimentos, o caid Haddou tornou a partir com o mesmo destino.

O general Simon declarou ao representante da Agência Havas que, ao contrário do que alegam os rittenhos, não lhes foi apresentado nenhum ultimatum. O general Simon acrescentou que sendo assim, a discussão não teria continuado e que não seria marcado novo encontro. O general Simon terminou por dizer: Empregaremos todos os esforços para continuar a negociar, porque só tencionamos recomençar as hostilidades quando formos forçados a isso. —(H.)

A atitude de Abd-el-Krim

OUJJA, 20.—Os delegados rittenhos entregaram à Agência Havas um comunicado declarando ilógico encerrar, antes das conversações oficiais e sem consultarem previamente Abd-el-Krim, a hipótese da aceitação das duas condições preliminares: entrega imediata dos prisioneiros, e avanço franco-espanhol até determinadas posições, actualmente ocupadas pelos rittenhos. —(H.)

## Assalto audacioso

LONDRES, 20.—Os jornais desta cidade receberam um telegrama de Kouan-Tung, na China meridional, dizendo que tendo as autoridades locais recusado entregar-lhes a importância de 1.000 libras esterlinas, os bandidos invadiram o teatro da pequena localidade de Hoksham e que arremessaram bombas, ficando mortos uns 20 espectadores e feridos uns 150, dos quais 50 gravemente. —(H.)

500 crianças das escolas primárias visitam amanhã o aquário de Algés e os Monumentos em Belém

Devido à iniciativa do ilustre vereador sr. Alexandre Ferreira, quinzentas crianças das escolas primárias, irão amanhã a Belém visitar os monumentos históricos ali existentes e o aquário de Algés. Para transportar as crianças que serão acompanhadas pelos respectivos professores, partirão do Lumiar e do Poço do Bispo, carros eléctricos às 11 horas e de São Sebastião da Pedreira às 11 e meia. As 14 será oferecido às crianças um lanche.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Alban» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará e Manaus, efectuando-se a última viagem de correspondências ordinárias da Caixa Geral às 12 horas e para a registada recebendo até as 10 horas.

## FOOT-BALL

TODAS AS NOITES  
O JORCA

O BITOCA

TODAS AS NOITES  
Maria Vitória

## O Conflito Académico

Os alunos do Instituto Comercial de Lisboa, reunidos em assembleia magna, aprovaram a seguinte moção:

Considerando que os alunos do I. C. L. querem que lhes sejam concedidas a natureza da que lhes são devidas pela natureza do seu curso e não querem de forma alguma coartar direitos adquiridos ou que sejam devidos a diplomados com outros cursos; que a proposta de lei apresentada na Câmara dos Deputados por sr. ministro do Comércio não satisfaz as nossas reclamações sobre o recrutamento de professores para as Escolas de ensino técnico elementar;

que para a admissão a concursos de provas públicas é mais democrático e mais justo não haver distinções de cursos, mas atender-se às provas prestadas, unicamente, seleccionando-se assim as verdadeiras competências, e que a organização de dois cursos traz despesas para o Estado sem resultados práticos ou justificáveis;

que o Curso Geral dos Institutos Comerciais é, pela legislação em vigor, equivalente ao 7.º ano dos liceus (Ciências); a comunidade de interesses existentes entre os alunos dos Institutos Médicos e que da união entre eles só o bem poderá advir para os seus diplomados;

que os interesses dos alunos das escolas elementares, futuros alunos dos Institutos Médicos estão ligados aos destes institutos, e que deve haver a mais completa solidariedade entre os alunos destes estabelecimentos de ensino técnico, futuros estelões do desenvolvimento económico do país;

Os alunos do I. C. L., reunidos em assembleia geral, resolvem:

1.º Representar ao Parlamento, pedindo que os dois cursos de provas públicas sejam tornados num único;

2.º Pedir que os diplomados com o Curso Médio de Comércio fiquem na escala de preferências imediatamente abaixo aos diplomados com o Curso Superior de Comércio em determinadas Cadeiras;

3.º Pedir que o Curso Geral dos I. C. seja tornado equivalente, para efeitos de matrícula, nos I. S. C., ao 7.º ano dos liceus (Ciências);

4.º Saludar s. ex.ª o sr. director do Instituto e o restante corpo docente.

5.º Saludar e dar todo o apoio moral aos alunos das Escolas Elementares Técnicas;

6.º Dar à direcção plenos poderes para continuar as «démarches» já encetadas, até à satisfação das suas justas reclamações;

7.º Abandonar as aulas até que sejam satisfeitas as suas reclamações e nomear uma comissão para efectivar esta resolução.

## História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola, que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado, das lutas originadas pela desigualdade social, que sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1500; pelo correio, registado, 1550.

Estão publicados os seguintes fascículos: 1.º—«La era de la esclavitud»; 2.º—«La rebelión de Espartaco»; 3.º—«Abolición de la esclavitud».

## A viagem aérea à Madeira e aos Açores

O avião partiu ontem de manhã e não houve mais notícias

Largou ontem às 7 e um quarto, para o Funchal o hidro-avião «Infante de Sagres», tripulado pelos 2.ºs tenentes Moreira Campos e Neves Ferreira.

As 16 e um quarto foi recebido um rádio do Funchal dizendo não ter ainda ali chegado o hidro-avião, e como até às 20 horas não houvesse notícias, foi mandado aporontar com toda a urgência o contra-torpedeiro «Vouga», para largar para o mar a fim de ver se obtinha notícias do aparelho. Também não se recebeu comunicação alguma do contra-torpedeiro «Tâmega».

As 21 horas ainda não havia notícias do hidro-avião. Um navio passou por ele de manhã e comunicou que seguia bem em direcção ao Norte.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista intitulada *Maternidad*, de Federica Montseny. —Preço, \$50. —Pedidos à administração de *A Batalha*.

DENTES ARTIFICIAIS a \$2500. Extracções sem dor a \$1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a \$2000. Dentaduras completas sem placa a \$2500. Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO  
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

## Em torno dos petróleos de Mossul

ANGORA, 20.—O embaixador da Inglaterra, que chegou aqui para continuar as negociações acerca de Mossul, teve uma entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros. O embaixador da Itália desmente a informação da «Westminster Gazette» sobre o pacto italo-grego contra a Turquia, tendo declarado a um redactor do «Aksham» que a entrevista do sr. Mussolini com o sr. Ruffo versou sobre questões puramente económicas e comerciais. O embaixador acrescentou que não existe modificação alguma nas relações perfeitamente amigáveis e sinceras entre a Turquia e a Itália. —(H.)

## TIVOLI

Raquel Meller na  
RONDA NOCTURNA  
Cine drama em oito partes de Pierre Benoit

TEMPESTADE DOMESTICA  
Cine-comédia em seis partes  
Concurso Nacional de Tiro  
(A's 10 horas)

Interessantíssimo documentário  
Uma cine-farça de bonecos animados  
Amanhã — «Matinée» às 3 horas

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### No Politeama

Festa de Amélia Rey Colaço. «Hora imaculada», tradução de Augusto Gil da peça de Niccolò «L'alba il giorno, la notte» e «Salomé» de Oscar Wilde

Salomé, na tradição, tem tentado muitos artistas, poetas e dramaturgos. O estranho recorte dessa figura de lenda sugeriu já muitas e muitas páginas de beleza. Traçar a bibliografia deste assunto insinuante seria estulto neste momento em que só a nossa tenção dar a notícia da festa que anualmente realiza Amélia Rey Colaço, cujo alastramento da scena, durante certo tempo, será em breve um facto.

A distinta actriz que em pouco tempo subiu a uma altura que outros com mais treino não conseguiriam ainda, nem sei se conseguirá, teve o cuidado de escolher para a sua noite duas peças, das quais uma para a noite das crianças, com o título de «Hora imaculada», havia sido representada já no mesmo teatro, pela esplêndida companhia de Vera Vergani, prestes a exhibir-se de novo em Lisboa, com o nome inicial de «L'alba, il giorno, la notte». Dário Niccolò escreveu, vasando-a em moldes românticos e dando-lhe uma leveza que obriga a sérias preocupações quem a interpreta e que dois personagens são sómente. As três horas do dia, ou antes os três momentos, ajudam à significação do entrecho e simbolizam até certo ponto as fases dum amor que nasce com a alvorada e assume o máximum com a hora mais alta do dia. A correspondência, portanto, que a acção deve ter em tonalidade com a luz do dia astronómico, é de molde a exigir uma minúcia de cor e um ritmo de palavras a que o desempenho deve vir ao encontro com uma cadência que não se pode obter com uma cadência mais ou menos que se possa fazer. Devesse desde já dizer que o ambiente da scena deu a medida exacta, graças a esse interessante e moderno artista que é Leão de Barros. Trabalhar assim, é trabalhar com honestidade, bom gosto e saber.

A interpretação espera naturalmente em melodismo, o que já a tradução lhe não conseguiu dar na passagem do italiano para português. Augusto Gil conservou literariamente o valor da peça, o que lhe não pôde dar foi a música da lingua em que foi escrita. Com esse factor tiveram que lutar Amélia Rey Colaço e Raúl de Carvalho, mas assim mesmo, a sua interpretação saiu harmónica, havendo só a notar o timbre da voz do último, com pouca transparência para tal cometimento, de que ele aliás não é culpado, porque tudo em que a sua vontade e aptidões intervieram, resultou aproveitável e digno de elogio.

Onde a representação esbarrou foi na tragédia de Oscar Wilde «Salomé». Obras desta natureza só podem ser representadas numa uniformidade de tom que se encontra a atmosfera em que a acção decorre, nem uma nota mais alta, nem uma nota mais baixa. Vou mais longe. Só uma companhia em que os timbres das vozes dos seus componentes se aproximasse, se fundisse, deveria encarregar-se de tal interpretação. Dir-nos-hão: mas isso não é muito possível realizar-se. Evidentemente, por isso mesmo é que no estrangeiro o género de teatro está para as companhias na razão directa da qualidade e tendência dos seus artistas.

O ambiente scenográfico da «Salomé», no Politeama, se não foi vencido, foi sacrificado pela falta de ritmo da representação. Até sob o ponto de vista estatutário, «Salomé» perdeu, com a desigualdade física dos seus intérpretes. E a creição que nunca houve pessoas da mesma altura ou aproximação, em qualquer época da história, mas no teatro em que a convenção ainda domina e o recorte decorativo, nem uma nota mais alta, nem uma nota mais baixa. Vou mais longe. Só uma companhia em que os timbres das vozes dos seus componentes se aproximasse, se fundisse, deveria encarregar-se de tal interpretação. Dir-nos-hão: mas isso não é muito possível realizar-se. Evidentemente, por isso mesmo é que no estrangeiro o género de teatro está para as companhias na razão directa da qualidade e tendência dos seus artistas.

O ambiente scenográfico da «Salomé», no Politeama, se não foi vencido, foi sacrificado pela falta de ritmo da representação. Até sob o ponto de vista estatutário, «Salomé» perdeu, com a desigualdade física dos seus intérpretes. E a creição que nunca houve pessoas da mesma altura ou aproximação, em qualquer época da história, mas no teatro em que a convenção ainda domina e o recorte decorativo, nem uma nota mais alta, nem uma nota mais baixa. Vou mais longe. Só uma companhia em que os timbres das vozes dos seus componentes se aproximasse, se fundisse, deveria encarregar-se de tal interpretação. Dir-nos-hão: mas isso não é muito possível realizar-se. Evidentemente, por isso mesmo é que no estrangeiro o género de teatro está para as companhias na razão directa da qualidade e tendência dos seus artistas.

A consideração que temos por Amélia Rey Colaço não é tão cega que nos não deixe ver o que é o dizer o que pensamos. Não somos dos que criticam, servindo-se de processos pouco recomendáveis como correcção, mas também não pertencemos ao número dos que acatam tudo como bom, dispensando-se de exprimir o que a critica se impõe fazer, aconselhando, encaminhando e pondo nas suas apreciações a maior imparcialidade e desejo de acerto.

Nogueira de BRITO

### Notícias

A-fim-de se aproveitar o dia e a noite nos últimos ensaios da peça «Os Milhões do Criminoso», cuja «premiere» está fixada para sábado, amanhã não há espectáculo no Apolo. O sensacional drama que tem 3 actos divididos em 7 quadros é extraído do popularíssimo romance de Xavier de Montepia.

Estreiam-se, nesta peça Palmira Torres e Ofélia Brochado, que se integraram, agora, na companhia do Apolo, estando confiada a primeira o papel de Joana Portier, e a sua colega o de Lucindinha. Rafael Marques, interpretará a parte de Jacques Cesard, que se desdobra em Paulo Hermant, personagem de grande relevo nesta obra intensamente dramática.

Para a «premiere» de sábado no Apolo, já estão à venda os bilhetes sem locação.

—E' certo inaugurar-se no próximo mês,

o novo teatro de Variedades, no Avenida Parque, cuja companhia será organizada pelo habilíssimo «metteur-en-scene» Rosa Mateus. A empresa do novo teatro capricha em apresentar um trabalho deveras notável, cheio de encanto e originalidade, e pela sua parte a empresa do novo teatro mandou já fazer os cenários e o guarda-roupa, que serão verdadeiramente deslumbrantes. Os ensaios da revista «Pó de Arroz», começam a 3 de maio.

—E' a 30 do corrente, no Gimnásio, a récita do secretário Mário Mendes Mascarenhas, com um ardentíssimo espectáculo. Além de outra peça, também de sucesso, irá a scena, «O Presidiário», género «grand-guignol», original do dr. A. Pinto de Almeida, desempenhando, nessa obra, o actor Gil Ferreira um papel intensamente dramático.

«O Homem das Cinco Horas», a peça com que, após as récitas de Charlotte Lyss, se apresentará no teatro da Trindade, em 28 do corrente, a esplêndida Companhia Lucília Simões-Erico Braga, é uma das grandes comédias de todos os tempos e nenhuma pode com ela rivalizar na graça esuficiente e nas situações dum cómico irresistível que a cada passo fazem rir a plateia a bandeiras despregadas, até descer o pano do último acto.

O desempenho é simplesmente magistral. Na parte feminina destacam-se Lucília Simões e Amélia Pereira e na masculina, Erico Braga, Joaquim Almada e Samuel Dinis, que dão aos respectivos papeis um relevo extraordinário.

### Reclames

Palmira Bastos, a artista querida de todos os portugueses, acompanhada por António Mendes, Gil Ferreira, Alegria e Albuquerque, todos reunidos, e nos papeis de maior destaque no «Az», continuam alegando o público que, em enorme quantidade, todas as noites afliu ao Gimnásio, atraído pela graça esuficiente da espiro-síssima comédia que, no seu género, é verdadeiramente sem rival.

—Em vista da enorme concorrência que ainda ontem atraía ao Apolo a peça religiosa «O mártir do Calvário», a empresa resolveu fazer repetir ainda esta noite, numa récita que será irrevogavelmente a última, a famosa tragédia que reproduz os episódios mais sensacionais da vida de Jesus.

—A revista «Foot-Ball» repete-se hoje em duas sessões, no Maria Vitória com as 6 girls Robertson's.

—Estreia-se hoje no Chiado Terrasse a 2.ª e última jornada, «Vingança de Cremlinda», 12 partes da grande epopeia histórica «Os Nibelungos», interpretação sublime do grande actor Richter. Completa o espectáculo outros «filmes» de êxito.

Sexta-feira: o «filim» português «Os olhos de alma».

—Despertou enorme interesse no público amador dos espectáculos desportivos e nomeadamente nos meios da especialidade a notícia da realização em Lisboa de um grande torneio internacional de luta disputado entre alguns dos mais célebres lutadores do mundo, na maioria desconhecidos entre nós. Da lista de inscritos constam já o nome de verdadeiros colossos.

A inscrição aberta entre os lutadores portugueses, com importantes prémios para os que conseguirem afirmar-se perante os estrangeiros, conquistando algumas das três primeiras classificações do torneio, produziu também a melhor impressão pelo interesse que vem dar a esta imponente competição.

Os combates serão arbitrados pelo antigo campeão de Portugal Claudio de Oliveira, cujo nome é uma garantia de imparcialidade e da boa orientação desportiva do torneio.

## Uma enfermaria que mata os doentes!

Camarada redactor: Teríamos de ocupar um grande espaço neste jornal se descrevêssemos todas as infâmias que o enfermeiro Alegria tem cometido na enfermaria deste forte.

Esta criatura foi em tempos sargento da marinha, tendo sido expulso desta corporação devido aos atropelos que lá cometeu. Entrou depois para aqui, onde é de há muito o terror dos presos. A enfermaria nas mãos daquele indivíduo converteu-se num autêntico negócio: quem paga é bem tratado, mas o desgraçado sem dinheiro a vida. Para o afortunado até o sr. Alegria fornece carne, pão, leite, ovos e pão de trigo, e para o que não tem dinheiro a dieta consiste em rancho e pão de milho. Se tem pouco dinheiro dá-lhe bacalhau e feijão.

Júlio da Anunciação, que devido ao seu precário estado de saúde teve de baixar à enfermaria, foi vítima de várias infâmias do sr. Alegria. Júlio da Anunciação, poucos dias depois de ter dado entrada na enfermaria, foi de lá expulso com o pretexto de que comunicava com os seus companheiros de sector através das grades, mas o verdadeiro motivo consistiu em ele não gratificar o enfermeiro.

Após bastantes dias o médico compareceu no forte e ordenou que Júlio da Anunciação voltasse para a enfermaria. Mas como conhecia bem o enfermeiro determinou que só quando lhe desse alta é que lhe regressaria ao seu sector.

Júlio da Anunciação foi metido numa cama que chamam o «canto da morte». O sr. Alegria deu-lhe duas injeções de tal maneira que o doente ficou com os braços cheios de pus e horrivelmente inchados.

A quem pedir providências contra estas infâmias?

Pelos presos do sector C, —J. Marques Teixeira.

## Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de *A Batalha*.

## Lêde o Suplemento de A BATALHA

## Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrantíssimo oportunismo

Espectáculo sensacional

Adansa da meia noite

## Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

## Câmara Municipal de Lisboa

Sob a presidência do sr. Magalhães Peixoto, reuniu ontem em sessão ordinária a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Pelo presidente da Comissão Executiva dr. sr. Corvinel Moreira é apresentado um projecto de postura acerca da inspecção e fiscalização sanitária da Câmara Municipal a todos os produtos alimentares de origem animal que entrem na cidade, quer se destinem ao consumo dos habitantes desta quer se destinem à exportação.

Resolveu-se que esta proposta baixasse às comissões de higiene e de posturas.

O dr. sr. Alfredo Guizado apresentou as seguintes propostas que baixaram às respectivas comissões de estudo:

«Que a arteria da cidade que se denomina travessa da Lebre e travessa do Alto de São Francisco passe a denominar-se rua de João Penha».

«Que seja aumentada a verba do respectivo pelouro, para imediata intensificação na construção de jazigos e de ossuários municipais e na vedação dos cemitérios».

«Que se adquira com a urgência que o caso requer, terreno necessário para o enterramento anual de 20.000 cadáveres».

«Que sejam eliminadas no § do art. 37.º do Regulamento dos cemitérios municipais as palavras: «se em hasta pública».

Os srs. Alfredo Franco, Mário Silva e Joaquim Domingues, discordam da ida a Madrid de representantes da Câmara, entendendo o sr. Mário Silva que a resolução a tomar-se devia ter partido do Senado e não da Comissão Executiva e apresentando sobre o assunto uma moção que não chegou a ser votada por falta de número.

O sr. dr. Corvinel Moreira em nome da Comissão Executiva fez várias considerações sobre o assunto.

## Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encargos de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Hódacacia e Procuradoria na

Rua do Carmo, n.º 43, 1.º, frente

## DESPORTOS

### Sapadores Atletico Club

Não concordando com a orientação que a actual direcção está dando ao Club, uma comissão de sócios, na sua maioria fundadores, vai convocar uma assembleia geral para ser eleita uma comissão administrativa competente, podendo, todos os sócios que concordem, dirigir-se ao sócio José Furtado, a-fim-de assinar a petição.

### FUTEBOL

O encontro no próximo dia 3 de Maio no Estádio de Lisboa

Os principais artistas dos nossos teatros e conhecidos bandarilheiros portugueses vão-se defrontar no próximo dia 3 de Maio num interessante desafio de futebol, no belo campo do Estádio, a favor dos seus coíres de Reformas e Pensões.

Assim, os artistas Estevam Amarante, Vasco Santana, Abílio Alves, Alves da Costa, João Guerra, Salvador Marques, Mário Pombo, Duarte Costa, Seixas Pereira, etc., vão-se defrontar com os toureiros Ricardo Teixeira, Alfredo Santos, Luciano Moreira, Custódio Domingos, Muñoz Crespo, Manuel dos Santos, etc., havendo uma bela taça para o «team» vencedor.

O programa completo, com as cavalhadas à saia, jogo da rosa, equitação, exercícios das escadas pelos valentes bombeiros—está sendo elaborado e deve causar sensação.

Na sede do Grémio dos Artistas Teatrais, largo da Anunciada, 9, 1.º, tem sido grande o número de pessoas a marcar bilhetes para o interessante espectáculo, que deve causar um grande sucesso.

## Associação Internacional de Protecção à Infância

A Associação Internacional de Protecção à Infância, com sede em Bruxelas, vai realizar no próximo mês de Maio, em Roma, uma exposição de tudo quanto possa interessar à função da obra de protecção à infância. Nesse sentido, por intermédio da sua federada em Portugal, a Administração Geral dos Serviços Tutelares de Menores, convidou Portugal a fazer-se representar na exposição enviando todos os elementos demonstrativos da actividade portuguesa em tal matéria. Os institutos que prestam assistência infantil poderão enviar os referidos elementos, até 10 de Maio, ou directamente a R. Liceo Gimnasio, Ennio Quirino Visconti, P.zza del Collegio Romano—Roma, ou por intermédio da Administração Geral dos Serviços Tutelares dos Menores.

## Mutilados e Inválidos da Grande Guerra

Pedem-nos a publicação do seguinte: «A comissão executiva do I Congresso Nacional dos Mutilados e Inválidos da Guerra, eleito no seu congresso de Coimbra, e na reunião extraordinariamente realizada ontem, para tratar do artigo publicado num jornal da noite de 17, deliberou:

Protestar enérgicamente contra as afirmações nele contidas por menos verdadeiras, devendo para esclarecimento da opinião pública e apoiada nos números oficiais que lhe foram fornecidos pelos ministérios respectivos, afirmar que o número dos mutilados e inválidos da guerra, até ao presente reconhecidos, não excede a 1535. Quanto à verba porque lhe são pagas as pensões, não é demais acrescentar que ela é fornecida pela verba de «reparações» que a Alemanha tem que pagar a Portugal».

TEATRO APOLO

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

do sacrosanto drama

O Mártir do Calvário

Preços populares

SEXTA-FEIRA, 23

Os milhões

DO

criminoso

Emp. Ruas



\_\_\_\_\_



